

## **A holófrase na psicose infantil e suas relações com a debilidade**

Autoras: Lara Batista Belfi e Ariana Lucero.

A psicanálise, tal como pensada por Lacan, tem como um de seus pilares a linguística estrutural. A concepção mesma de significante é uma inversão que Lacan (1955-56/1988) faz do conceito de signo linguístico proposto por Saussure (1916/1975), em que o significado (conceito) teria primazia em relação ao significante (imagem acústica). Para Lacan (1955-56/1988), o real é impossível de ser apreendido diretamente - o significante e o significado não possuem relação de transcrição da realidade -; o significado seria submisso à autonomia da cadeia significante. Prolongando essa elaboração, ele compreende que o sujeito é produto da relação de não correspondência entre significante e significado.

De acordo com a teoria lacaniana, existiriam duas dimensões do significante, caracterizadas na sua definição enquanto aquilo que representa o sujeito para outro significante, ilustrada pela fórmula  $S1 \rightarrow S2$ . Em princípio, haveria o significante primário, sem efeito sozinho, que precisaria estar remetido a outro significante. Nesse sentido, a inscrição significante é binária: é o que representa o sujeito  $S1$  – significante vazio que faz a representação do sujeito – para outro significante  $S2$  – representante da representação dada ao sujeito. No *Seminário XI*, Lacan (1964/2008) trata dessa inscrição como o produto de duas operações lógicas: alienação e separação.

Na alienação, a incidência de um elemento significante determina que a aderência pelo sentido ocasiona a perda do ser, ao passo que, permanecer como ser, significa estar fora do sentido (LACAN, 1964/2008). Ao nascer, o bebê se depara com uma organização simbólica pela qual é forçado a se orientar para sobreviver. O nascimento do ser vivo representa uma ruptura, pois, antes, o bebê vivia de modo parasitário no útero materno; fora desse lugar, precisa dar conta das tensões que o organismo sofre. O bebê sozinho não tem capacidade de aliviar a tensão que o real impõe: fome, sono, dor (VORCARO, 2004). Assim, ele deve se submeter a alguém capaz de realizar a “ação específica” que possa aliviar o excesso de excitação que o organismo enfrenta (FREUD, 1895/1987). Essa relação de dependência está implicada na alienação, pois o bebê não possui ferramentas suficientes para se apaziguar – ele precisa se submeter a uma alteridade capaz de fazer isso por ele. Essa alteridade, por sua vez, está submetida à linguagem (daí o Outro com “o” maiúsculo), na

medida em que atua fazendo sempre suposições em forma de significantes sobre o recém-nascido incapaz de representar aquilo que lhe traz desconforto. Como o bebê não possui nenhuma outra referência para o que sente além daquilo que este Outro interpreta, ele é forçado a se submeter a essa interpretação. Porém, esse significante ofertado pelo Outro não satura o sujeito, faz apenas a sua representação, que pressupõe uma falta. O significante não é capaz de contemplar o sujeito completamente. O Outro circunscreve as manifestações do sujeito de forma insuficiente, pois não tem o saber capaz de apaziguar completamente as tensões do organismo. Isso revela a própria estrutura simbólica, onde a ligação entre as palavras e as coisas é sempre uma forçagem, significante e significado não possuem correspondência (Cunha, 1981). Diante dessa dimensão de desencontro fundamental, a separação incide como operação lógica secundária.

O Outro não é sempre consistente em apaziguar todas as tensões da criança, pois está remetido à falta daquele que ocupa esta função. Esse representante da linguagem falta, na medida em que não está sempre presente para o sujeito, que deseja algo para além dele. O momento de alienação, onde haveria uma unicidade significante, sofre uma ruptura e é situado miticamente como um estágio de gozo pleno que o sujeito busca retomar (VORCARO, 2004). A separação incide como o recobrimento de duas faltas (LACAN, 1964/2008): o sujeito percebe que não é capaz de se apaziguar, nem o Outro possui aquilo que é apaziguador. Nesta falta do Outro, o sujeito pode se perguntar sobre os objetos desejáveis que estão para além dele, e vai buscá-los também. Quando o Outro oferece um objeto se confirma que há algo do lado do sujeito - significante unário que representa o sujeito - que pode ser mais ou menos correspondido por alguma coisa - significante binário (LACAN, 1964/2008, p. 213). O sujeito emerge entre S1 e S2, no lugar da falta a ser, antes de qualquer tradução. O significante surge na medida em que o representante do sujeito (S1) recebe a resposta do agente materno que não o satisfaz completamente (S2).

Ainda no *Seminário XI*, Lacan (1964/2008) avança a possibilidade do sujeito não se encontrar com essa dimensão binária do significante, nos primeiros encontros com a linguagem. Para demonstrar essa questão, ele se apropria do conceito linguístico de holófrase, que aparece referida à estrutura do significante nas psicopatologias da infância. Ademais, Lacan utiliza-se da noção de “fusão de corpos” de Maud Mannoni (1985), depreendida do tratamento de crianças débeis, para fazer referência à ideia de “fusão de significantes” que se relaciona às psicopatologias da infância: “Chegaria até a formular que, quando não há

intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar”.

O termo holófrase comparece originalmente no campo da ciência linguística, na maior parte do tempo, enquanto uma categoria que agrupa as palavras que transmitem a ideia de uma frase (STEVENS, 1988). Como faz em diversos momentos de sua elaboração teórica, Lacan se apropria de um conceito linguístico para ressignificar e transmitir a psicanálise freudiana.

A ideia de holófrase, apresentada nesse momento por Lacan, aponta para dois aspectos que contradizem a concepção de significante como tal: a solidificação do primeiro casal de significantes e a ausência da dimensão da falta. Sobretudo, essa ideia resume uma relação atípica com a primeira dupla de significantes (S1 → S2) que está colocada para as psicopatologias infantis.

Assim, Lacan (1964/2008) situa uma dimensão psicótica nos casos de debilidade: “É na medida em que, por exemplo, a criança, a criança débil toma o lugar, no quadro, embaixo e à direita, desse S, em relação a esse algo a que a mãe a reduz a não ser mais que o suporte de seu desejo num termo obscuro, que se introduz na educação do débil a dimensão do psicótico”.

No caso da psicose infantil, compreendemos que Lacan (1969/2003) encara a solidificação significante e a ausência da dimensão da falta em decorrência da correspondência da criança ao objeto *a*. Se a criança está como objeto que falta ao Outro, tudo que ela manifesta diz respeito ao Outro, obstruindo sua emergência como desejante.

Segundo Vorcaro (1999), diferentemente da psicose, no caso da debilidade, a holófrase é resultado de uma impossibilidade de duvidar do saber do Outro, pois este Outro não é barrado, nele está contido o objeto *a*. Para Vorcaro e Lucero (2011, p. 820), na posição débil da criança, a mãe, ao agenciar a função de Outro, adere a um “discurso do mestre, pois há uma carência de significantes nela mesma que se atualiza transitivamente na criança”.

De acordo com Stevens (1988), a holófrase pode ser um outro nome dado à forclusão do Nome-do-Pai, pois enuncia o mesmo efeito não dialetizável do significante que se nota na ausência do corte significante da metáfora paterna. Como não é possível afirmar que na infância já haveria a forclusão do Nome-do-Pai, pois esse é o ponto que define

estruturalmente os sujeitos constituídos, o conceito de holófrase serve a uma leitura das crianças com dificuldade em emergir como sujeito. Dito de outra maneira, a situação do significante holofraseado nas crianças demonstra uma dificuldade do sujeito de situar, já no primeiro encontro com o significante, com a dimensão da falta, que daria condições para esse ponto de basta se inscrever. No caso da debilidade, como vimos, essa dificuldade tem a especificidade da detenção do objeto *a* pelo Outro, enquanto na psicose infantil, quem estaria ocupando o lugar de objeto *a* seria a criança. Quando Lacan aponta para a dimensão da psicose na educação do débil, alerta-nos para os efeitos que um saber pleno, sem faltas, pode ter na constituição subjetiva de uma criança. De modo inverso, Mannoni (1985) pode notar como uma psicose infantil alterava as relações que uma criança mantinha com o saber. Em ambos os casos – ou até em todos os casos da série que Lacan ordena – a noção de holófrase pode servir de orientação para a direção de tratamento.

## **Referências**

CUNHA, B. *Psicanálise e estruturalismo*. Lisboa: SCARL, 1981.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1885/1987.

LACAN, J. **O Seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964/2008.

LACAN, J. Nota sobre a criança. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969/2003.

LACAN, J. Posição do Inconsciente. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960/1998.

MANNONI, M. **A criança retardada e a mãe**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1916/1975.

STEVENS, A. L'holophrase, entre psychose et psychosomatique. **Ornicar?**, Paris, année 12, v. 42, p. 45-79, juil./sept. 1987.

VORCARO, A. A constituição subjetiva. **A criança na clínica psicanalítica**. São Paulo: Companhia de Freud, 2004. p. 71-90.

VORCARO, A. Da holófrase e seus destinos. **Crianças na psicanálise: clínica, instituição,**

**laço social.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 19-58.

VORCARO, A e LUCERO, A. A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacaniana.

**PSICOLOGIA USP**, São Paulo, v. 22(4), 813-832, 2011.